

Capitalismo Gore no Brasil: entre farmacopornografia e necropolítica, o *golden shower* e a continência de Bolsonaro¹

Ribamar José de Oliveira Junior²

RESUMO

Neste texto, busco utilizar o conceito de capitalismo gore para pensar a violência de gênero no cenário político após a posse de Jair Bolsonaro (PSL), em 2019, no Brasil. Acredito que o mandato do Presidente, em relação à violência decorativa e às estratégias de biomercado, pode exacerbar, por meio da tentativa de acompanhar as lógicas neoliberais, práticas gore na política brasileira, principalmente, no contexto da legitimidade da violência de gênero a partir do argumento ideológico da moral. Nesse sentido, procuro perceber nuances entre o regime farmacopornográfico e a necropolítica a partir de uma coreografia do modelo masculinista de Estado. O *golden shower* pode ter sido o efeito placebo de uma possível era pós-sexual, ainda não iniciada, tida como um efeito secundário da indústria farmacopornográfica. O conservadorismo do seu mandato sintoniza com as normativas do regime sexual disciplinar do século XIX, ou seja, parece que ele ainda não sabe que a invenção da Pílula e a masturbação se tornaram uma fonte de produção de capital. Enquanto isso, Bolsonaro parece operar na via utópica mais próxima de uma “*Disney heterossexual-land*”.

Palavras-chave: Capitalismo Gore; Gênero e Sexualidades; Violência; Bolsonaro.

¹ Trabalho realizado com apoio do Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e especializando em Gênero e Sexualidade na Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Jornalista pela Universidade Federal do Cariri (UFCA). Contato: ribaeomar@gmail.com.

RESUMEN

En este texto, busco utilizar el concepto de capitalismo gore para pensar la violencia de género en el escenario político tras la posesión de Jair Bolsonaro (PSL), en 2019, en Brasil. Creo que el mandato del Presidente, en relación a la violencia decorativa y las estrategias de biomecado, puede exacerbar, a través del intento de acompañar las lógicas neoliberales, prácticas gore en la política brasileña, principalmente, en el contexto de la legitimidad de la violencia de género a partir del argumento ideológico de la moral. En ese sentido, procuro percibir matices entre el régimen farmacopornográfico y la necropolítica a partir de una coreografía del modelo masculinista de Estado. El *golden shower* puede haber sido el efecto placebo de una posible era post-sexual, aún no iniciada, considerada como un efecto secundario de la industria farmacopornográfica. El conservadurismo de su mandato sintoniza con las normativas del régimen sexual disciplinario del siglo XIX, o sea, parece que todavía no sabe que la invención de la píldora y la masturbación se convirtieron en una fuente de producción de capital. Mientras tanto, Bolsonaro parece operar en la vía utópicas más cercana a una "*Disney heterosexual-land*".

Palabras clave: Capitalismo Gore; Género y Sexualidades; Violencia; Bolsonaro.

A revolução é a nossa sobrevivência. Nós sobrevivemos aos puteiros onde os pais e avós de vocês vinham nos pagar para gozar, não deixaremos mais que vocês usem nossos corpos para se promover.

(trecho do documentário "Indianara", filme brasileiro dirigido por Aude Chevalier-Beaumel e Marcelo Barbosa que concorre à Palma *Queer* do Festival de Cannes em 2019)

"14 anos por ter xingado um veado aff!"³

³ Comentário do perfil de internauta (perfil sem foto) na notícia da condenação do crime na página do G1. CE, G1. **Cinco dos acusados pela morte da travesti Dandara são condenados.** G1. Publicado em 6 de abril de 2018. Disponível em <<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/cinco-dos-acusados-pela-morte-da-travesti-dandara-sao-condenados.ghtml>>. Acessado em 16 de setembro de 2018.

Cerca de um ano após o assassinato da travesti Dandara dos Santos,⁴ os cinco réus foram julgados pela 1ª Vara do Júri de Fortaleza, Ceará, e responderam por homicídio triplamente qualificado e corrupção de menores. O julgamento ocorreu dia 6 de abril de 2018. Os acusados pelo crime, Francisco José Monteiro de Oliveira Júnior, Jean Victor Silva Oliveira, Rafael Alves da Silva Paiva, Isaías da Silva Camurça e Francisco Gabriel Campos dos Reis cumprirão uma pena que irá de 12 a 30 anos. Dos 12 acusados de participar do crime, quatro são menores. Quatro dos acusados confessaram participação na agressão a Dandara, mas negaram a intenção de matá-la. No dia 15 de fevereiro de 2019, o último foragido foi preso.⁵

Dandara foi espancada e executada na rua no Bom Jardim, bairro da capital cearense, em 15 de fevereiro de 2017. O assassinato foi gravado pelos agressores, mas só se tornou público cerca de 16 dias depois, quando os vídeos que filmaram do linchamento ganharam repercussão midiática nas redes sociais. A investigação sobre o caso foi coordenada pelo delegado Bruno Ronchi Vieira do 32º Distrito Policial (32º DP) do Bom Jardim e pela delegada Arlete Silveira da Delegacia da Criança e do Adolescente (DCA). A delegada informou que Dandara foi vítima de uma falsa acusação de que praticava roubos e furtos, repercutida entre os residentes através de uma pessoa que gritou "pega ladrão". Arlete caracterizou o ocorrido como crime de "preconceito, ódio e

⁴ LAVOR, Thays. **Um ano depois, acusados de linchar e matar travesti Dandara vão a julgamento**. BBC Brasil. Publicado em 4 abril 2018. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43648715>>. Acessado em 12 de setembro de 2018.

⁵ POVO, O. **Após dois anos, Polícia Civil cumpre mandado e prende foragido do caso Dandara**. O Povo. 18 de março de 2019. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2019/03/18/apos-dois-anos--policia-civil-cumpru-mandado-e-prende-foragido-do-caso-dandara.html>>. Acessado em 24 de maio de 2019.

atordoamento"⁶ e também revelou que Dandara não tinha passagem pela polícia.

Se anteriormente foi possível perceber através da relação entre corpos abjetos, reproduções midiáticas e necropolítica que o corpo de Dandara ganha visibilidade e reconhecimento a partir da sua representação construída na legitimidade da violência por meio do discurso midiático hegemônico (OLIVEIRA JUNIOR; COSTA; PINHEIRO, 2018), neste trabalho procuro perceber que a imagem tecida da travesti pela mídia abre reflexão para o diálogo com o pensamento de Valencia Triana (2012) sobre a violência decorativa no estágio gore do capitalismo globalizado, vista como a “gestão de outorgar, ou não, a morte a todos os corpos-sujeito-territórios ou capitais que dissidiam dos seus” (VALENCIA TRIANA, 2012, p. 91).

Dandara é um caso de exemplo para se pensar a construção binária do gênero como performance política diante das subjetividades capitalísticas de Valencia Triana (2012), principalmente, em reflexo dos dados da violência de gênero e sexualidade no país. A travesti aparece como uma vítima das 445⁷ vítimas LGBTQ+⁸ que morreram no Brasil em 2017, ao todo foram 387 assassinatos e 58 suicídios. O dado ainda revela que este número foi o mais elevado em 38 anos de coleta estatística do Grupo Gay da Bahia (GGB), representando um aumento de 30% em relação ao ano de 2016, quando foram registradas 343 mortes.

⁶ SISNADO, Jéssika. 10 de março de 2017. **Dandara dos Santos foi alvo de linchamento após boato, diz Polícia.** O Povo (Versão Impressa). Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/jornal/cotidiano/2017/03/dandara-dos-santos-foi-alvo-de-linchamento-apos-boato-diz-policia.html>>. Acessado em 6 de abril de 2018.

⁷ **Pessoas LGBT mortas no Brasil. Grupo Gay da Bahia (GGB).** Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/12/relatorio-2081.pdf>>. Acessado em 23 de setembro de 2018

⁸ A sigla LGBTQ+ se refere a lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, transgêneros, travestis e *queers*, o sinal positivo é utilizado para ampliar o espectro de gênero e sexualidade.

Em relatório parcial⁹ do GGB por ocasião do Dia Internacional contra a Homofobia, foram documentadas 141 mortes, entre homicídios e suicídios, de janeiro a maio de 2019. O relatório recentemente divulgado aponta ainda que pessoas LGBTQ+ tendem a se matar até quatro vezes mais do que pessoas heterossexuais. Em comparação ano de 2018, o dado estatístico até então se mantém estável, tendo em vista que entre janeiro e maio do ano passado foram registradas 140 mortes, tendo como média 28 homicídios e suicídios por mês.

Para entender a forma com que o preconceito aparece marcado no caso Dandara, faz-se necessário recorrer ao pensamento de Sandenberg (2015) sobre a metáfora do caleidoscópio de gênero para se pensar os “prismas sociais” produzidos pelos reflexos, projetados nos contextos específicos, diante do mosaico de gênero e das interseccionalidades nas dinâmicas das relações sociais. “É nesse contexto que as ‘opressões que se entrelaçam’ dão margem a intersecções específicas dos ‘prismas’ de gênero, raça, classe e outras categorias semelhantes, configurando, assim, mosaicos distintos” (SANDENBERG, 2015, p. 60-61).

Relaciona-se o pensamento dos “prismas de gênero” (SANDENBERG, 2015), sobretudo com o número de travestis/transsexuais assassinadas em 2019, de acordo com o dado do relatório parcial do GGB, no total de 52 vítimas, para perceber as interseccionalidades produzidas diante dos marcadores sociais constitutivos de Dandara, uma vez que “a interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação” (CRENSHAW, 2002, p. 177). Como moradora de uma região periférica de Fortaleza, é possível perceber que o

⁹ **Relatório parcial por ocasião do Dia Internacional da Homofobia.** Grupo Gay da Bahia (GGB). Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2019/05/relatc3b3rio-ggb-parcial-2019.pdf>>. Acessado em 22 de maio de 2019.

enquadramento da morte de Dandara, na rua, também se relaciona com a vulnerabilidade corporal e a precariedade, principalmente quando o segundo local em que mais se mata pessoas LGBTQ+ são as vias públicas.

O conceito de capitalismo gore, proposto por Valencia¹⁰ (2016), ao lado do mosaico de gênero das interseccionalidades de Sandenberg (2015), oferecem uma ferramenta de análise social para discutir gênero e capitalismo a partir da rentabilidade da violência no eixo da necropolítica (MBEMBE, 2018). O aspecto gore¹¹ aparece diante de uma violência globalizada, tida como uma forma de enriquecimento, e faz referência ao gênero cinematográfico grotesco, caracterizado pelo derramamento de sangue e de vísceras em contraponto ao contexto social contemporâneo marcado pela disseminação de sangue explícito e injustificado, como explica a autora.

A análise de Valencia (2016) se debruça no contexto social da cidade de Tijuana, fronteira entre México e Estados Unidos, mais conhecida como *la última esquina de Latinoamérica*, território fronteiriço em que a autora situa a vulnerabilidade e a potencialidade de se perceber a violência extrema e predatórias dos corpos como ferramenta da economia mundial, principalmente diante das organizações criminais.

Nesse sentido, ao transpor a análise da autora para o contexto nacional, este texto tem como objetivo observar a forma com que o capitalismo gore pode estar associado ao governo de Jair Bolsonaro (PSL)

¹⁰ O termo foi introduzido pela autora no livro *Capitalismo Gore*, lançado em 2016 pela Paidós, na cidade do México. Mexicana, Sayak Valencia é Doutora em Filosofia, Teoria e Crítica Feminista pela Universidade Complutense de Madri (UCM) e professora pesquisadora do Departamento de Estudos Culturais do Colégio da Fronteira Norte (Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia do México). Além disso, é ensaísta, exibicionista e performer, coordenadora dos programas de Mestrado e Doutorado em Estudos Culturais do El Colegio de la Frontera Norte (COLEF), estando no Sistema Nacional de Pesquisadores do Nível I.

¹¹ *Splatter* ou gore é um subgênero do cinema de terror que se concentra em representações gráficas de sangue e violência gráfica. Nessa narrativa, geralmente caracteriza pelo arsenal de efeitos especiais retratam de forma teatral o jogo de vulnerabilidade do corpo a partir da mutilação.

no Brasil, principalmente diante da violência e do seu princípio com o neoliberalismo, a globalização, a construção binária do gênero como performance política e a criação de subjetividades capitalísticas, recolonizadas e representadas por ou como criminosos que dentro do pensamento de Valencia (2016) recebem o nome de sujeitos endríagos.¹²

Trago o exemplo das eleições presidenciais de 2019, na representação do início do governo político de Bolsonaro como parâmetro para refletir noções de capitalismo gore no Brasil. Acredito que o mandato do Presidente, em relação à violência decorativa e às estratégias de biomercado, pode exacerbar, por meio da tentativa de acompanhar as lógicas neoliberais, práticas gore na política brasileira, sobretudo, no contexto da legitimidade da violência de gênero a partir do argumento ideológico da moral na política da direita. Uma vez que, “Bolsonaro traça uma fronteira antagônica moral que consiste em contrariar qualquer possibilidade de reconhecimento das diferenças sociais identitárias que são caras à esquerda: classe, gênero, raça, região, etc.” (BERNARDES; BASTOS, 2019, p. 19).

Farmacopornografia e necropolítica: o que é golden shower, Presidente?

Na busca por compreender como se articula a estrutura social no contexto globalizado, Valencia (2016) analisa a violência como instrumento fundamental da estruturação das lógicas do capitalismo gore. A autora parte das delimitações da formação política do Estado para se pensar o capitalismo como construção cultural. Diante da análise que

¹² Sayak Valencia denomina de sujeitos endríagos para falar de subjetividades capitalísticas que surgem no contexto do capitalismo gore. O termo parte da tese de Mary Louise Pratt, em que afirma que o mundo contemporâneo está governado pelo retorno dos monstruosos (Valencia 2016 *apud* Pratt 2002). Na literatura, o endríago é um personagem literário monstruoso, metade homem, metade hidra. Caracteriza-se pela condição bestial.

recorre ao narcotráfico mexicano, ela caracteriza o que seria uma nova máfia, para em seguida, abordar o conceito de necropolítica de Mbembe (2018).

o poder necropolítico opera por um gênero de reversão entre vida e morte, como se a vida não fosse o médium da morte. Procura sempre abolir a distinção entre os meios e os fins. Daí a sua indiferença aos sinais objetivos de crueldade. Aos seus olhos, o crime é parte fundamental da revelação, e a morte de seus inimigos, em princípio não possui qualquer simbolismo. Este tipo de morte nada tem de trágico e, por isso, o poder necropolítico pode multiplicá-lo infinitamente, quer em pequenas doses (o mundo celular e molecular), quer por surtos espasmódicos – a estratégia dos pequenos massacres do dia-a-dia, segundo uma implacável lógica de separação, de estrangulamento de vivissecação, como se pode ver em todos os teatros contemporâneos do terror e do contraterror (MBEMBE, 2017, p. 65).

Um dos objetivos da autora é fazer referência à reinterpretação dada à economia hegemônica e global em espaços fronteiriços. Valencia (2016) faz uma leitura contemporânea da sociedade ao abordar o contexto da violência mais explícita como ferramenta de necroempoderamento, muitas vezes mesclada ao crime organizado e os usos predatórios dos corpos. Valencia tece uma relação com a noção de capital de Marx (1988) a partir das consequências do capitalismo globalizado, principalmente, quando destaca o cenário gore em que os corpos são concebidos como produtos de intercâmbio, no sentido de alterar as lógicas dos processos sociais de produção do capital.

No capitalismo gore, a mercadoria se transforma literalmente no corpo e na vida humana através de técnicas predatórias de violência extrema. Nesse cenário, os sujeitos endrúagos teriam como base a busca por “modos de acción ilegítima y de autoafirmación para exorcizar la imagen y la condición de víctima” (TRIANA, 2014, p. 91).¹³ Se na

¹³ “Modos ilegítimos de ação e autoafirmação para exorcizar a imagem e a condição da vítima”. (tradução nossa)

perspectiva marxista a riqueza, nas sociedades de modo de produção capitalistas, se apresenta como forma de acumulação de mercadorias, para Valencia (2016) a destruição do corpo se converte na mercadoria e a acumulação agora só é possível através da contagem do número de mortos, já que a morte se tornou o negócio mais rentável do capital.

Portanto, o capitalismo gore parte de entender como as práticas capitalistas sustentam a violência descoberta e a crueldade “ultra especializada” que se implantam nas formas de vida cotidiana em determinadas localizações geopolíticas, a fim de obterem reconhecimento e legitimidade econômica. Nesse sentido, a autora aponta o que seriam as lógicas predatórias que, junto da espetacularização e da especulação no mercado financeiro, desenvolvem e executam práticas de violência radical.

Denominamos “necroempoderamiento” a los procesos que transforman contextos y/o situaciones de vulnerabilidad y/o subalternidad en posibilidad de acción y autopoder, pero que los reconfiguran desde prácticas distópicas y desde la autoafirmación perversa lograda por medio de prácticas violentas rentables dentro de las lógicas de la economía capitalista. Dentro de éstas, los cuerpos son concebidos como productos de intercambio que alteran y rompen el proceso de producción del capital, ya que subvierten los términos de éste al sacar de juego la fase de producción de la mercancía, sustituyéndola por una mercancía encarnada literalmente por el cuerpo y la vida humana, a través de técnicas de violencia extrema como el secuestro, la venta de órganos humanos, la tortura, el asesinato por encargo, etc. (TRIANA, 2014, p. 82).¹⁴

¹⁴ “Chamamos de “necroempoderamento” os processos que transformam contextos e/ou situações de vulnerabilidade e/ou subalternidade na possibilidade de ação e autopoder, mas que os reconfiguram de práticas distópicas e da autoafirmação perversa alcançada através de práticas violentas lucrativas dentro da lógica da economia capitalista. Dentro destas, os corpos são concebidos como produtos de troca que alteram e rompem o processo de produção de capital, uma vez que subvertem os termos do mesmo compreendendo o jogo da produção da mercadoria, substituindo-a por uma mercadoria encarnada literalmente pelo corpo e pela vida humana, através de técnicas de violência extremas como sequestro, venda de órgãos humanos, tortura, assassinato a pedido, etc. (TRIANA, 2014, p. 82)”. (tradução nossa)

O que interessa para Valencia (2016) é traduzir a realidade produzida pelo capitalismo gore, baseada na violência, no narcotráfico e no necropoder para mostrar algumas distopias sobre a imposição da globalização em diversos países. Neste caso, é possível considerar as reflexões da autora para o contexto do Brasil no sentido de utilizar a ferramenta de análise do tecido social para compreender como a violência se legitima discursiva e simbolicamente no contexto político e econômico da atual conjuntura do Estado.

Pois, atualmente o aspecto gore da política brasileira estaria mais próximo da visão de “uma classe dominante intuindo que novos tempos exigem novas respostas: é o Bolsonaro que ainda não saiu do armário. Porque o ideal para a classe dominante é um bolsonarismo sem Bolsonaro” (DOS SANTOS, 2018, p. 13). O que o autor quer dizer com isso, fazendo um contraponto com Valencia (2016), é que o idealismo da classe dominante ainda não possui em Bolsonaro a efetividade do avanço das questões sociais e políticas da direita, ou seja, o governo do Presidente pode exacerbar as lógicas do capitalismo gore, ainda não as execute de forma institucionalizada como escopo, principalmente pela capacidade do Brasil de não alcançar as demandas internacionais do neoliberalismo na condição de país emergente/em desenvolvimento.

Para a classe dominante, a economia não esteve em disputa nas eleições: o vencedor enfrentaria os problemas do neoliberalismo, com mais neoliberalismo. Seja pela via utópica de um “neoliberalismo inclusivo” pregado pelo PT, seja pelo ultraneoliberalismo dos tucanos ou de Bolsonaro. O que a classe dominante disputa é a forma política de gestão da crise brasileira (DOS SANTOS, 2018, p. 12).

Para Valencia (2016) a representação ou repetição acrítica das coreografias de uma masculinidade hegemônica está intrinsecamente ligada às relações do Estado, principalmente a partir do crescimento da violência expressiva, aquela que não persegue um escopo utilitário, mas

exibe primeiramente um símbolo de poder. É o que se observa na estruturação da imagem de “mito”¹⁵ ou de “meu capitão” do Presidente Bolsonaro por meio dos seus eleitores, caracterizados pela utilização da camisa nas cores verde e amarelo da Seleção Brasileira de futebol.

Desse modo, trago o exemplo do dia 5 de março de 2019, quando o Presidente Bolsonaro publica um comentário no seu perfil do Twitter, na quarta-feira de cinzas após o carnaval, sobre uma performance de dois rapazes no cortejo de um bloco chamado “BloCu”, no centro de São Paulo, ocorrido na segunda-feira. “Não me sinto confortável em mostrar, mas temos que expor a verdade para a população ter conhecimento e sempre tomar suas prioridades. É isto que tem virado muitos blocos de rua no carnaval brasileiro. Comentem e tirem suas conclusões”.¹⁶

O tuíte de Bolsonaro na rede social, posteriormente apagado após repercussão da imprensa internacional e do Supremo Tribunal Federal (STF),¹⁷ engajou o perfil de mais de 63.855 pessoas e obteve cerca de 37 mil respostas. Uma das páginas alcançadas com o comentário do Presidente foi de uma página pornográfica *Pornhub ARIA* que o respondeu: “Graças ao senhor agora todos os brasileiros sabem o que Golden Shower significa!”. O site adulto publica que, entre 5 e 6 de março, o termo *golden*

¹⁵ ALMEIDA, Pauline. **Ato no RJ tem clima de eleição, gritos de "mito" e críticas a parlamentares.** 26 de maio de 2019. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/05/26/manifestacoes-a-favor-governo-bolsonaro-pelo-pais.htm>>. Acessado em 28 de maio de 2019.

¹⁶ G1. **Posts de Bolsonaro com pornografia e 'golden shower' repercutem na imprensa internacional.** Portal G1. 6 de março de 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/03/06/posts-de-bolsonaro-com-pornografia-e-golden-shower-repercutem-na-imprensa-internacional.ghtml>>. Acessado em 25 de maio de 2019.

¹⁷ SENRA, Ricardo. **Bolsonaro apaga tuíte do 'golden shower' após revelação de ação no STF.** 21 março 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47662013>>. Acessado em: 17 de maio de 2019.

shower,¹⁸ traduzido do inglês como “chuva dourada”, cresceu 688% na procura dos consumidores pornográficos do site adulto.

Para o coletivo Monstruosas, a performance no carnaval provocou o sistema cisgênero¹⁹ normativo, visto pelas ativistas como “CIStema”.²⁰ O Manifesto Golden Shower, publicado no portal do movimento, revela o caráter sexo dissidente de práticas tidas como anormais pela cis-heterossexualidade. “Que fique explícito, se a direita liberal ou a esquerda progressista incluiu nossas pautas, não foi por benevolência ou coerência e sim para assimilar nossa resistência e perpetuar sua hegemonia filosófica”, destacam.

É no paradoxo do discurso conversador, construído ideologicamente pela moral do que é tido como tradicional, em relação com “a ascensão da direita evangélica” (COWAN, 2014, p. 102), que procuro perceber a armadilha das redes farmacopornográficas perpassadas pelo idealismo neoliberal de Bolsonaro, com mais ênfase no contexto em que o discurso conservador do Presidente pode disparar dispositivos de vigilância de práticas sexuais não ajustadas no arranjo heterossexista e/ou revelar a dinâmica das mesmas. A publicação de Bolsonaro parece construir uma aliança do Estado-Nação brasileiro com as corporações da indústria farmacopornográfica, principalmente, na exponencial do livre mercado neoliberalista coreografado no modelo masculinista de Estado.

¹⁸ Prática sexual que consiste no fetiche da pessoa urinar na frente ou sobre a outra.

¹⁹ Como explica Bagagli (2016), “o conceito de cisgeneridade surge como forma de se trabalhar asevidências constituídas em relação ao gênero tido como normal e saudável” (BAGAGLI, 2016, p. 88).

²⁰ MONSTRUOSAS. **Manifesto Golden Shower: Quando a performance fomenta a crise do CISTEMA.** Disponível em: <<https://monstruosas.milharal.org/2019/03/12/manifesto-golden-shower-quando-a-performance-fomenta-a-crise-do-cistema/>>. Acessado em 28 de maio de 2019.

No argumento do Presidente, quando relata sobre o momento em que entrou nas forças armadas, Bolsonaro “exalta sua educação do período militar a fim de comprovar sua ‘falta de ideologia’: ‘com o ensino daquela época com muita responsabilidade e sem ideologia de gênero e sem doutrinação fui aprovado’” (BERNARDES; BASTOS, 2019, p. 18). A forma com que ele sustenta a “ideologia de gênero” oferece um ponto de partida para pensar na maneira com que o discurso conservador político, ao mesmo tempo que rejeita a temática de gênero e sexualidade na educação, vista como negativa pelos “grupos de interesse conservadores que buscam distanciar os movimentos feminista e LGBT, e mesmo seus simpatizantes, das definições de políticas públicas” (MISKOLCI; CAMPANA, 2017, p. 743), aborda questões relativas ao assunto, tidas como tabu, podendo revelar as dinâmicas da farmacopornografia por meio da execução necropolítica de táticas gore.

A eleição de Bolsonaro²¹ e a institucionalização do capitalismo gore na política brasileira

A radicalização de um capitalismo tardio e as concepções do que seria um possível neofeudalismo apontam, segundo Valencia (2016), para um fenômeno ultraviolento baseado nas práticas de violência espetacular, nas quais rentabilizam o capitalismo gore em países considerados, diante da economia global, subdesenvolvidos e/ou emergentes. Apesar do esforço destes países, eles estariam distantes de alcançarem o reconhecimento nas lógicas econômicas dos países considerados desenvolvidos, por isso executariam práticas gore para se legitimar dentro

²¹ A revista *The Economist* em versão impressa do dia 20 de setembro de 2018 classificou a candidatura de Jair Messias Bolsonaro como a mais recente ameaça da América Latina, desse modo, a análise jornalística se aproxima da denominação de subjetividade endriaga no contexto do capitalismo gore. Disponível em: <<https://www.economist.com/leaders/2018/09/20/jair-bolsonaro-latin-americas-latest-menace>>. Acessado em 21 de setembro de 2018.

do sistema em crise necropolítica. Entretanto, a autora ressalta que é importante pensar que a variante gore no capitalismo, mais cedo ou mais tarde, chegará a afetar o desenvolvimento da parte considerada “primeiro-mundistas” do planeta, pois o capitalismo contemporâneo carrega um devir gore histórico.

Em razão da dificuldade de se criar genealogias para um fenômeno e um conceito que designem a realidade contemporânea, a autora reflete sobre o compromisso de recorrer a uma genealogia temporalmente situada para poder alcançar as análises pertinentes ao discurso sobre o capitalismo gore. Por isso, em um primeiro momento o pós-fordismo aparece na obra como a marca histórica em que a crise de energia e a queda das linhas montagem enfatizam a busca por novos setores na economia global, marcados pela bioquímica, eletrônica e informática.

Em diálogo com o pensamento de Preciado (2018a) sobre a farmacopornografia, Valencia (2016) ressalta que atualmente há uma insuficiência teórica e conceitual para explicar a produção de valor, sendo de caráter cogente desenvolver um novo arsenal conceitual filosófico equivalente à materialidade no domínio do capital, nesse momento, marcado pelo gore, e aos conceitos de força de trabalho do ponto de vista da economia clássica. Portanto, as práticas gore desempenham uma produção gore.

Las prácticas ejercidas por los sujetos endriagos hacen una aplicación distinta y disidente del concepto de biopolítica y lo llevan al terreno del necropoder que no se emparenta totalmente con el contexto y el ejercicio de la necropolítica como la entiende Mbembe, sino que va más allá, en una reinterpretación distópica de su condición de sujetos libres y a la vez sujetos por las dinámicas económicas. Los endriagos encarnan el concepto de ingobernabilidad, aunque se sujetan al poder en la medida que han internalizado las demandas de hiperconsumo exigidas por el capitalismo global, a la par que sienten como propio el discurso heteropatriarcal basado en la

detentación de poder como factor de legitimación identitaria y pertenencia social (TRIANA, 2014, p. 98).²²

Diante das reflexões sobre a gestão política do corpo, do sexo e da sexualidade esmiuçadas por Preciado (2018a), Valencia Triana (2012) destaca o gerenciamento da violência decorativa da mídia autorizada,²³ cujo papel fundamental é construir um efeito aterrorizante duradouro sobre a violência através da produção de ficções diante do argumento da não-ficção, mediada pelo Estado e pela mídia desautorizada. Os sujeitos endríagos para Valencia (2016) estariam localizados no ponto morto entre a lógica da falta (pobreza/vulnerabilidade) e a lógica do excesso (desejo/hiperconsumo), portanto, estariam também realocados na lógica da frustração (condições/acesso) e na lógica da autoafirmação (comunicação em massa/biome Mercado) com impulsos de ódio e estratégias utilitárias.

²² “As práticas exercidas pelos sujeitos endríagos fazem uma aplicação diferente e dissidente do conceito de biopolítica e, ao levar em consideração o contexto do necropoder, não está totalmente relacionada ao conjunto e ao exercício da necropolítica, como entende Mbembe, mas vai além, fazem uma reinterpretação distópica de sua condição de sujeitos livres e ao mesmo tempo sujeitos à dinâmica econômica. O endríagos incorporam o conceito de ingovernabilidade, embora estejam sujeitos ao poder na medida em que internalizaram as demandas por hiperconsumo demandadas por capitalismo global, ao mesmo tempo em que sentem o discurso heteropatriarcal como seu, baseado na posse de poder como fator de legitimação da identidade e pertença social”. (tradução nossa)

²³ Do ponto de vista do capitalismo, a produção de imagens gore aparece para Valencia (2016) entre vias fissuradas diante do contorno entre fantasia e realidade, pois faz com que o real apareça como algo horrorizante, portanto, estaria mais próximo da ficção, ainda que se distinga. Mas é nesse sentido que o capitalismo gore e o *mass media* procuram produzir imagens com o objetivo de ficcionalizá-las no argumento da não-ficção. Pode-se ressaltar como exemplo o programa televisivo *Linha Direta* exibido no Brasil pela Emissora Rede Globo, entre 27 de maio de 1999 a 6 de dezembro de 2007, apresentado por Domingos Meirelles e dirigido por Roberto Djalma, cujo objetivo era apresentar crimes que aconteceram pelo país e cujos autores estariam foragidos da Justiça. O *Linha Direta* aparece como um dos primeiros reflexos em massa das práticas gore na mídia televisiva brasileira.

O circuito de demandas pelo hiperconsumo, pela masculinidade hegemônica,²⁴ pela insegurança no trabalho e pela depreciação individual,²⁵ constrói uma rede indissociável entre capitalismo e práticas de violência gore, pois ambos já fazem parte do processo de produção de capital, viabilizado pela educação acrítica e produtivista/consumista, pela desregulação econômica e pela divisão sexual do trabalho, bem como pelo exercício de uma política autoritária e repressiva.

Portanto, vale considerar que a representação de Bolsonaro, militar da reserva e político brasileiro filiado ao Partido Social Liberal (PSL), eleito presidente com 55,1% dos votos, pode cumprir com as lógicas do capitalismo gore, a fim de apontar para o que seria a construção de imagens gore diante de um neoliberalismo exacerbado e de uma obediência acrítica da ordem hegemônica masculinista, no sentido de alcançar a autoafirmação e o empoderamento por meio de táticas violentas.

O discurso político do atual presidente Bolsonaro se aproxima do alcance do que seria os limites de uma taxonomia discursiva da violência no Brasil, principalmente, pelo fato de que o político se auto afirma na produção de poder através do biomercado e da violência decorativa.²⁶ Tomar o exemplo de Bolsonaro como candidato eleito para Presidência da República no Brasil em 2018 é uma maneira de entender o que seria uma

²⁴ O papel do macho provedor em crise aparece em contraponto a uma imagem de um biomercado, vendido pelas vantagens da mulher como empreendedora. Nesse sentido, a violência contra a mulher acompanha o processo de inserção da mesma no mercado de trabalho, pois o problema estaria na estruturação do capitalismo contemporâneo e na violência legitimada pelas práticas gore. Os eixos de opressão nas engrenagens da crise.

²⁵ Pode ser considerada neste ponto a ascensão de carreiras coaching nos últimos anos no Brasil.

²⁶ AMORIM; Lucas; FONSECA, Mariana. **Crescimento de Bolsonaro faz a alegria de fabricante de armas**. Reviste EXAME. 19 de setembro 2018. Disponível em < <https://exame.abril.com.br/negocios/crescimento-de-bolsonaro-faz-a-alegria-de-fabricante-de-armas-2/>>. Acessado em 13 de setembro de 2018.

tradução do capitalismo gore de Valencia (2016), principalmente pelo discurso do político incitar a violência como ferramenta de valorização social.

Desse modo, procuro estabelecer uma relação entre códigos semióticos-técnicos da masculinidade heterossexual branca, pertencentes à ecologia política farmacopornográfica pós-guerra, abordadas por Preciado (2018a), com as demandas da masculinidade hegemônica tradicional redistribuídas de maneira biopolítica pelo Estado e pela sociedade, como explica Triana (2014), para entender a forma com que alianças podem esquivar a lógica neoliberal, promovendo a circulação e a interpretação dos biocódigos somatopolíticos. O *golden shower* pode ter sido o efeito placebo de uma possível era pós-sexual, ainda não iniciada, tida como um efeito secundário da indústria farmacopornográfica no governo de Bolsonaro.

Pois, se “prestarmos atenção aos sinais da tecnificação e de informatização do gênero que emergem a partir da Segunda Guerra Mundial, podemos afirmar que a heterossexualidade está fadada a desaparecer” (PRECIADO, 2018a, p. 133). O conservadorismo de Bolsonaro parece estar em diálogo com as normativas do regime sexual disciplinar do século XIX, ou seja, parece que o Presidente ainda não sabe que a invenção da Pílula e a masturbação se tornaram uma fonte de produção de capital. Enquanto ele opera na via utópica mais próxima de uma “Disney heterossexual-land”,²⁷ pois parece não assimilar que os ideais biopolíticos masculinos e femininos foram constatados em laboratório, a partir dos anos 1940, uma vez que os mesmos só podem existir no fechamento dos próprios tecnoecossistemas. “Somos estranhas ficções biopolíticas porque estamos vivos: somos simultaneamente o efeito do

²⁷ Conceito trazido por Preciado (2009) no epílogo de *Terror Anal* da obra de Guy Hocquenghem para falar sobre o sistema que forja o falo a partir de um significante despótico.

regime de poder farmacopornográfico (biopoder) e o potencial do seu fracasso (bioempoderamento)” (PRECIADO, 2018a, p. 129).

Alianças sintéticas, um parlamento pós-pornô no Brasil

Ao se questionar sobre qual tipo de sujeitos e práticas podem ser criados na medida em que uma reinterpretação machista do neoliberalismo extremo possa acontecer, Triana (2014) propõem também pensar as consequências sociais mais evidentes disso para o contexto a ser analisado. Neste caso, procuro com base no pensamento da autora, propor debater capitalismo gore no Brasil diante do governo de Bolsonaro, iniciado em 2019, com ênfase nos reflexos da violência de gênero. Para Triana (2014), a saída para criar uma organização irreduzível à oposição entre os gêneros seria uma perspectiva transfeminista, pois revelaria a capacidade de movimentar gêneros, corporalidades e sexualidades como resistência social integrativa.

Além disso, a autora revela a necessidade de se estabelecer uma aliança com as masculinidades não hegemônicas, porque seria por meio de uma elaboração e de uma visibilidade autocrítica, feita pelos modelos masculinistas em diálogos com os transfeminismos que uma modificação de práticas cotidianas poderia ocorrer. Sobretudo, pelo fato do binarismo de gênero, para Triana (2014), aparecer como ferramenta do capitalismo para decidir privilégios entre quais são os corpos produtivos, ou seja, rentáveis ao capital e quais são os corpos improdutivos.

É nesse ponto, entre a produtividade e o corpo, que é possível estabelecer uma relação entre o que Preciado (2018a) entende pelo conceito econômico e a posição da heterossexualidade a partir do exemplo da heterossexualidade feminina branca na biopolítica, baseada “na transformação do trabalho sexual, do trabalho de gestação, do cuidado dos corpos e outras atividades não remuneradas no capitalismo industrial”

(PRECIADO, 2018a, 132). Porém como pensar as alianças entre as dissidências sexuais e de gênero no contexto gore, com ênfase no exemplo do discurso de Bolsonaro, tido como exemplo de uma masculinidade hegemônica na crise necropolítica guinada no eixo heteropatriarcal?

La vigencia de este replanteamiento de la Masculinidad en masculinidades plurales y localizadas que detentan una perspectiva crítica sobre los efectos de la economía en la distribución de vulnerabilidad en el tercer mundo g-local se justifica en el hecho de que en la práctica estas nuevas masculinidades ya subsisten y hacen resistencia a la masculinidad hegemónica y a sus violencias, creando un punto de intersección entre el devenir minoritario al que se enfrentan los varones contemporáneos por causa de la precariedad económica que desmantela aceleradamente su sistema de privilegios de género y otros devenires minoritarios que por cuestiones de género, raza/etnia, disidencia sexual, etc., han estado relegados del sistema de privilegios heteropatriarcales y racistas (TRIANA, 2014, p. 79).²⁸

Para Butler (2018) os corpos aliados devem lutar por modos de reconhecimento, no sentido de melhorar a precariedade na qual a norma dominante os induz e expõe sem recursos ou condições para agirem ou protegerem, desse modo, entende-se que “precisamos viver para agir, mas que temos que agir, e agir politicamente, a fim de assegurar as condições de existência (BUTLER, 2018, p. 45). Diante disso, o pensamento de Triana (2014) pode contribuir para o debate dos corpos aliados e da teoria performativa da assembleia de Butler (2018), no sentido de apontar a necessidade do reconhecimento e de novas vinculações que perpassem resistência do gore.

²⁸ “A vigência dessa reconsideração de uma Masculinidade em masculinidades plurais e localizadas que detêm uma perspectiva crítica sobre os efeitos da economia sobre a distribuição da vulnerabilidade no terceiro mundo g-local se justifica no fato de que, na prática, essas novas masculinidades já subsistem e resistem à masculinidade hegemônica e sua violência, criando um ponto de intersecção entre o devir minoritário que os homens contemporâneos enfrentam por causa da precariedade econômica que rapidamente desmantela seu sistema de privilégios de gênero e outras minorias que por razões de gênero, raça/etnia, dissidência sexual, etc., foram relegados do sistema de privilégios heteropatriarcais e racistas”. (tradução nossa)

Triana (2014) acredita que seja relevante criar outros sujeitos para a política na medida em que uma perspectiva transfeminista possa desconstruir uma visão heterossexista, trazendo a guinada da performatividade na interpretação identitária. A autora aponta em uma breve genealogia, dentre as quatro linhas interseccionais destacadas do transfeminismo, a necessidade de desconstrução antipatriarcal e anticolonial para a constituição de alianças. A segunda linha nos auxilia na análise da violência de gênero diante do início do governo de Bolsonaro a partir do pensamento sobre a resistência a partir de alianças que percebiam “la disidencia sexual y su desplazamiento geopolítico y epistémico hacia el sur: del *queer* al *cuir*”²⁹ (TRIANA, 2014, p. 68).³⁰

Para a autora, há a necessidade de rever os modelos hegemônicos de masculinidades, não apenas no sentido de não as reproduzir, mas de reconstruí-las a partir da influência transfeminista. O que interessa para Triana (2014) não é desconstruir uma base normativa de gênero, mas apontar para uma nova resistência através da reinterpretação das mesmas. Pois, segundo ela, as masculinidades não são novas se estiverem afastadas no transfeminismo e a compreensão do discurso hegemônico contribui para forjar identidades distópicas sobre o masculino, principalmente na necessidade de que as mesmas não estejam vinculadas “con la ejecución del poder de forma vertical y heteropatriarcal” (TRIANA, 2014, p. 84).³¹ Porém, como pensar a cidadania sem a reatividade da agência e, sobretudo, por meio de uma reconstituição discursiva não abjeta da população LGBTQ+ no governo bolsonarista? A distopia no mandato de

²⁹ Termo cunhado pela autora para destacar o que seria uma inflexão geopolítica sobre o *queer* em direção ao sul e as periferias.

³⁰ “A dissidência sexual e seu deslocamento geopolítico e epistémico para o sul: do *queer* ao *cuir*”. (tradução nossa)

³¹ “Com a execução do poder de forma vertical e heteropatriarcal”. (tradução nossa)

Bolsonaro seria um golpe de estado de alianças monstruosas, sexo-dissidentes de gênero, capazes de reconstruírem as subjetividades capitalísticas dos sujeitos endriagos na crise necropolítica do capitalismo gore e instituírem um possível parlamento pós-pornô.

Se para Triana (2014), a criação de uma estrutura que amplie a ação e o reconhecimento é a base para as alianças, entre a luta feminista e o ativismo transfeminista com os modelos de masculinidades não hegemônicas, considera-se o pensamento de Butler (2018) para compreender o corpo na esfera política, com ênfase na contrapartida de perceber e combater a precariedade acelerada de algumas populações.

Não importa se isso é colocado de maneira explícita ou não, todo esforço político para gerir populações envolve uma distribuição tática de precariedade, com frequência articulada por meio de uma distribuição desigual de precariedade, distribuição essa que depende das normas dominantes no que diz respeito às vidas que são passíveis de luto e que devem ser protegidas e às vidas que não são passíveis de luto ou que são dignas apenas de um luto marginal e episódico e, nesse sentido, já estão perdidas em parte ou completamente, e, portanto, merecem menos proteção e apoio (BUTLER, 2018, p. 131).

No sentido de procurar uma intervenção na destruição de vidas explícitas ou, como aponta Butler (2018), até parcialmente vividas, Valencia e Zhuravleva (2019) propõe duas interseções a partir do pensamento crítico feminista que contribui para o debate sobre o poder necropolítico no capitalismo gore. A primeira interseção é o termo “*post-mortem/transmortem politics*” que as autoras utilizam para embasar a reflexão sobre o processo de mobilização no qual uma comunidade trans mexicana lida com o processo de assassinato diário de mulheres trans e cis no México. “the process of mobilization, here called postmortem/transmortem, builds bridges of transfeminist alliance since it reactivates and embodies struggles against femicide and transfemicide

from communities of care and vulnerability” (VALENCIA; ZHURAVLEVA, 2019, p. 65).³²

A segunda interseção provoca os objetivos do movimento transfeminista, visto pelas autoras, como uma fonte de repolitização feminista na medida em que considera sujeitos colocados de fora da luta e que a ressalta a necessidade de afastamento da “política de mulheres” ou da política de gênero relacionada ao Estado. O que as autoras sugerem é a esquiva da reconversão neoliberal dos movimentos, principalmente, diante da possibilidade de centralização de enunciados trans nos dispositivos mais críticos do feminismo heterossexual institucionalizado branco.

Como destaca Preciado (2019), é necessário inventar novas metodologias para a produção do conhecimento e para perceber e produzir a vida, acima de tudo, “una nueva imaginación capaz de confrontar la lógica de la guerra, la razón heterocolonial y la hegemonía del mercado como lugar de producción del valor y de la verdade (PRECIADO, 2019, p. 42). Dessa forma, acredito que essas alianças monstruosas no contexto brasileiro devam estar sintonizadas com os ativismos trans, revelando uma dissidência sexual e de gênero própria, mais próxima do cuir e dos feminismos latino-americanos, para assim, contribuir para a reconstrução do tecido social em processo de necrosamento pelas táticas gore do neoliberalismo de Bolsonaro, principalmente, no que diz respeito ao caso da necropolítica tropical, como reflete Pelbart (2018).

As imagens do capitalismo gore dialogam com a necropolítica tropical e o pesadelo em curso em que Pelbart (2018) aponta como “a aspiração crescente a guerra total, do espetáculo total, cada vez mais

³² “O processo de mobilização, aqui chamado *postmortem/transmortem*, constrói pontes de transfeministas aliança, uma vez que reativa e incorpora lutas contra o femicídio e o transfemicídio de comunidades de cuidado e vulnerabilidade”. (tradução nossa)

grandioso, cada vez mais capaz de rivalizar com Hollywood” (PELBART, 2018, p. 28). Portanto, destaco a diáspora raivosa de Preciado (2019), principalmente no exemplo dos corpos impossíveis para pensar uma estratégia *hacker* de subversão da rentabilização dos mesmos para uma economia do conhecimento, na reconstituição e na recusa do cenário disputado pela farmacopornografia e pela necropolítica.

No queremos nos definirmos ni como trabajadores cognitivos ni como consumidores farmacopornográficos. No somos Facebook, ni Shell, ni Nestlé, ni Pfizer-Wyeth. Tampoco somo ni Renault ni Peugeot. No queremos producir francés, ni español, ni catalán, ni tampoco producir europeo. No queremos producir. Somos la red viva descentralizada. Rechazamos una ciudadanía definida a partir de nuestra fuerza de producción o nuestra fuerza de reproducción. No somos biooperarios productores de óvulos, ni cavidades gestantes, ni inseminadores espermáticos. Queremos una ciudadanía total definida por la posibilidad de compartir técnicas, códigos, fluidos, simientes, agua, sabres... Ellos dicen que la nuerva guerra limpia se hará con drones de combate. Nosotros queremos hacer el amor con esos drones d. Nuestra insurrección es la paz, el afecto total. Somos el futuro parlamento posporno, uns nueva internacional somatopolítica hecha de alianzas sintéticas y no de círculos identitarios. Dicen crisis. Decimos revolucion (PRECIADO, 2019, p. 42-43).³³

O discurso de Bolsonaro parece estar atrelado à heterossexualidade padronizada dos séculos XIX e XX e, como explica Preciado (2018b), sustentada pela taylorização sexo-industrial e pelo

³³ “Nós não queremos nos definir nem como trabalhadores cognitivos ou consumidores farmacopornográficos. Não somos o Facebook, nem a Shell, nem a Nestlé, nem a Pfizer-Wyeth. Nem somos nem Renault nem Peugeot. Não queremos produzir francês, espanhol ou catalão, nem produzir europeu. Nós não queremos produzir. Nós somos a rede viva descentralizada. Rejeitamos uma cidadania definida com base em nossa força de produção ou em nossa força reprodutiva. Nós não somos produtores de óvulos, cavidades prenhes ou inseminadores de espermatozoides. Queremos uma cidadania total definida pela possibilidade de compartilhar técnicas, códigos, fluidos, sementes, água, saberes... Eles dizem que a nova guerra limpa será feita com drones de combate. Queremos fazer amor com esses drones. Nossa insurreição é paz, afeição total. Somos o futuro parlamento pós-pornô, uma nova somatopolítica internacional feita de alianças sintéticas e não de cínicos identitários. Eles dizem crise. Nós dizemos revolução”. (tradução nossa)

fordismo genetal. Desse modo, como pensar um parlamento pós-pornô na distopia necropatriarcal conduzida no aspecto gore na política bolsonarista? Considero a necessidade de refletir alianças que repensem a cidadania em um cenário que considera a população LGBTQ+, infra-cidadã (PRECIADO, 2018b), no argumento da igualdade de direitos sociais.

O exemplo cabe no caso da não aprovação do Projeto de Lei Nº 188/2017 Transcidadania Karla Monique,³⁴ proposto pela ex-vereadora e atual deputada federal Natália Bonavides (PT) e subscrito pela vereadora Divaneide Basílio (PT), pelos vereadores da Câmara Municipal de Natal, Rio Grande do Norte. O projeto destinado a revitalizar a situação de vulnerabilidade social a partir do acesso à cidadania na humanização do atendimento de travestis e transexuais da cidade, foi rejeitado em sessão ordinária no dia 8 de maio de 2019. Dez parlamentares foram contra e nove a favor. A Secretaria Municipal do Trabalho e Assistência Social (SEMTAS) de Natal seria o órgão responsável pela regulamentação da lei e implementação do projeto.

Dentre as ações do projeto, havia a necessidade de enfrentar a pobreza e promover a autonomia financeira por meio da educação e da assistência social das travestis e transexuais. O vereador Cícero Martins (PSL), em posição contrária ao projeto, destacou que a Câmara de Vereadores naquele dia promoveu a democracia quando contribuiu para uma decisão de direitos iguais, “Natal ganha com a votação de hoje”,³⁵ disse o parlamentar em reportagem do Jornal Tribuna do Norte.

³⁴ Karla Monique organizou a primeira parada LGBT de Natal e foi atuante, durante a década de 1990, no GHAP (Grupo Habeas Corpus Potiguar). Era uma mulher trans, negra e cabelereira de uma zona periférica da cidade.

³⁵ CMN. **Programa de inclusão para travestis e transexuais é rejeitado na Câmara.** Tribuna do Norte. 9 de maio de 2019. Disponível em: <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/programa-de-inclusao-para-travestis-e-transexuais-a-rejeitado-na->

Considerações finais

Valencia (2016) discorre sobre a possibilidade de reconstituir o encarniçado da violência no capitalismo gore a partir da única saída na criação de novos sujeitos políticos para o feminismo. Por isso, aponta o conceito de *transfeminismo* como resistência social capaz de obter direitos em espaços geopoliticamente diversos e integrar a circularidade entre gênero, corporalidade e sexualidades para a criação de estratégias. Pela via deleuzina de minorias, multiplicidades e singularidades, a autora destaca a organização reticular de uma micropolítica processual de agenciamentos mediadores no tecido social que atuará em criar uma contraofensiva à produção de subjetividade no capitalismo.

Pode-se dizer que a captura das subjetividades pelo capitalismo gore produz imagens gore no argumento da não-ficção. Para Valencia (2016) a subjetividade é mais essencial do que o petróleo e as energias. A resistência ao capitalismo gore se daria assim através da materialização performativa e dos agenciamentos locais por meio da reconstrução da sociedade e da produção de narrativas sociais geopoliticamente situadas.

Se para Preciado (2018b) a era Trump nos Estados Unidos é um agravamento das tecnologias necropatriarcais de poder e uma implementação de noções coloniais de raça e sexo com uma alta e sofisticada estrutura farmacopornográfica, pode-se dizer que a era Bolsonaro no Brasil pode ter o mesmo reflexo, principalmente pelo interesse na aliança gore que o presidente procura com Trump.³⁶

camara/447539?fbclid=IwARzCHa5PtmBoQoffliR6Z8oJQZr6nMo74cbAJTiSoogYNokfOTNzZEN8Ak>. Acessado em 28 de maio de 2019.

³⁶ BULLA, Beatriz. **Trump elogia discurso de posse de Bolsonaro: 'Os EUA estão com você!'**. Publicado dia 1 de janeiro de 2019. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,donald-trump-parabeniza-bolsonaro-no-twitter-os-eua-estao-com-voce,70002663443>>. Acessado em 20 de janeiro de 2019.

Pois, no capitalismo gore tudo é povo e sangue diante do fascismo biotecnológico e o estabelecimento de micropolíticas de gênero nas terras tupiniquins aparecem como uma via para a reconstrução não violenta do tecido social necrosado. Abre-se caminho para os corpos aliados a partir da poesia de gênero (LUSTOSA, 2016) da cantora Linn da Quebrada:

*“mate,
 morra,
 mate em vc,
 o macho,
 branco,
 sr de engenho,
 capataz,
 q pensam star sempre à frente,
 mas vivem pra trás,
 mate vc msm
 & sinta vc tbb
 a força dos seus ancestrais”³⁷*

REFERÊNCIAS

BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. A diferença trans no gênero para além da patologização. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 5, 2016, p. 87-100.

BERNARDES, Cristine Brum; BARROS, Caio Carvalho Correia. Populismo no brasil contemporâneo: uma análise de discursos de Lula e de Bolsonaro. In: **VIII Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política**, Brasília, DF, 2019, p. 1-25.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa da assembleia. Tradução Fernanda Siqueira

³⁷ Legenda de uma foto no perfil da rede social Instagram da cantora, publicada dia 27 de maio de 2019. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Bx8MktQFct/>>. Acessado em 29 de maio de 2019.

Miguens; revisão técnica Carla Rodrigues. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

COWAN, Benjamin Arthur. "Nosso Terreno". Crise moral, política evangélica e a formação da 'Nova Direita' brasileira. **Varia História**, v. 30, n. 52, 2014, p. 101-125.

CRESHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, v. 1, ano 10, 2002, p. 171-188, 2002.

DOS SANTOS, Fabio Luis Barbosa. Do lulismo a Bolsonaro: agonia da Nova República no Brasil. **Boletín Onteaken**, n. 26, 2018, p. 1-16.

LUSTOSA, Tertuliana. Manifesto Traveco-Terrorista. **Revista Concinnitas**, v. 1, n. 28, 2016, p. 384-409.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Abril Cultural, 1988.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 edições, 2018.

_____. **Políticas da inimizade**. Lisboa: Antígona, 2017.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. "Ideologia de gênero": notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Sociedade e Estado**, v. 32, n. 3, 2017, p. 725-747.

OLIVEIRA JUNIOR, Ribamar José de; SOUSA, Rosana Costa de; GIMBO, Leda Mendes Travesti na periferia do capitalismo: Os arranjos entre o Discurso, a Mídia e a Necropolítica. In: SILVA DE MELO, Miguel Ângelo; GOMES FILHO, Antoniel dos Santos; SOUZA TORQUATO, Emanuel Marcondes; QUEIROZ, Zuleide Fernandes de (orgs.). **Ars Moriendi, a morte e a morte de si**: Representações da morte real e simbólica sob o foco da interdisciplinaridade. 1 ed. v. 1. São Paulo: Alexa Cultural, 2018. p. 127-140.

PELBART, Peter Pál. **Necropolítica Tropical** – Fragmentos de um pesadelo em curso. São Paulo: N-1 edições, 2018.

PRECIADO, Paul B. Baroque Technopatriarchy Paul B. Preciado on Reproduction. **Artforum International**, v. 56, n. 5, 2018, p. 185-187. Tradução de Sara Wagner Pimenta Gonçalves Júnior, 2018b.

_____. **Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica.** São Paulo: N-1 edições, 2018a.

_____. **Un apartamento en Urano.** Barcelona: Anagrama, 2019.

PRECIADO, Beatriz. Terror anal. In: HOCQUENGHEM, Guy; PRECIADO, Beatriz; SCHÉRER, René (orgs.). **El deseo homosexual.** Espanha: Melusina, 2009.p. 133-170.

SARDENBERG, Cecilia. Caleidoscópios de gênero: gênero e interseccionalidades na dinâmica das relações sociais. **Mediações – Revista de Ciências Sociais**, Universidade Estadual de Londrina – UEL, v. 20, p. 56-96, 2015.

TRIANA, Sayak Valencia. Teoría transfeminista para el análisis de la violencia machista y la reconstrucción no-violenta del tejido social en el México contemporáneo. **Universitas humanística**, n. 78, 2014, p. 65-88.

_____. Capitalismo gore y necropolítica en México contemporáneo. **Relaciones internacionales**, 19, 2012, p. 83-102.

_____. **Capitalismo gore.** México: Paidós, 2016.

_____; ZHURAVLEVA, Olga Arnaiz. Necropolitics, Postmortem/Transmortem Politics, and Transfeminisms in the Sexual Economies of Death. **Transgender Studies Quarterly (TSQ)**, 6, (2), 2019, p. 180-193.